

# *A Bahia na periferia do mundo<sup>1</sup>: algumas reflexões sobre o mercado editorial baiano*

*Bahia on the periphery of the world: some reflections  
about the editorial market in Bahia*

Emanuelle da Silva Evangelista<sup>2</sup>  
Luciana Sacramento Moreno Gonçalves<sup>3</sup>

2 Mestre em Letras pela Universidade do Estado da Bahia (2020). Professora SEC/Bahia. Contato: emanuelleevangelista@hotmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-0228-3668>.

3 Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2014). Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia. Contato: lusamog@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0001-7742-0829>.

**Resumo:** Contemporaneamente, presenciamos a intensificação de mobilizações culturais em contextos periféricos, que tensionam a literatura brasileira a ampliar o cânone literário instituído e impulsiona o surgimento de novas rotas editoriais constituídas por editoras independentes que levam ao conhecimento do público leitor obras produzidas por indivíduos que não pertencem ao nicho editorial tradicional e divulgam a escrita produzida em outras localidades que não figuram no cenário nacional do circuito do livro: Rio/São Paulo. Neste artigo, por meio de uma revisão bibliográfica, busca-se analisar os espaços de poder socioeconômico e visibilidade editorial proporcionados às produções contemporâneas de contextos periféricos pelas editoras consideradas independentes e expor dificuldades enfrentadas por essas instituições para permanecer em funcionamento no mercado editorial baiano, para tanto dialoga-se com Cosson (2018), Dalcastagnè (2012), Dantas (2022), Fonseca (2019), Garramuño (2014), Lopes Junior e Santos (2009), Lima *et al.* (2022), Oliveira (2011), Porto (2011), Seidel, Galvão e Oliveira (2016), Silva (2019). Como resultado evidencia-se que apesar do mercado editorial baiano vivenciar dificuldades, instituições como a editora Reaja, a Ogum's toques negros e a Organismo colocam em evidência a potencialidade da diversidade, bem como a existência de outras formas de produzir e difundir a partir e para públicos mais plurais e democráticos.

---

<sup>1</sup> Título inspirado na conferência pronunciada na [abertura da Feira de Frankfurt](#), no dia 8 de outubro de 2013, ano em que o Brasil foi o país homenageado pelo escritor Luiz Rufato.

**Palavras-chave:** mercado editorial baiano; editoras independentes; produções de contexto periférico.

**Abstract:** Presently, we are witnessing the intensification of cultural mobilizations in peripheral contexts, which are putting pressure on Brazilian literature to expand the established literary canon and driving the emergence of new publishing routes made up of independent publishers that bring to the attention of the works of the reading public that are produced by individuals who do not belong to the traditional publishing niche and disseminate writing produced in other locations that are not part of the national book circuit: Rio/São Paulo. This article, through a literature review, seeks to analyze the spaces of socioeconomic power and editorial visibility provided to contemporary productions from peripheral contexts by publishers considered independent and expose the difficulties faced by these institutions to remain in operation in the Bahian publishing market, to this end it dialogues with Cosson (2018), Dalcastagnè (2012), Dantas (2022), Fonseca (2019), Garramuño (2014), Lopes Junior and Santos (2009), Lima *et al.* (2022), Oliveira (2011), Porto (2011), Seidel, Galvão e Oliveira (2016), Silva (2019). The results show that although the publishing market in Bahia is experiencing difficulties, institutions such as Reaja, Ogum's, and Organismo highlight the potential of diversity, as well as the existence of other ways of producing and disseminating for more plural and democratic audiences.

**Keywords:** Bahian publishing market; independent publishers; peripheral context productions.

Boitata, Londrina, 2024  
Recebido em: 03/03/2024  
Aceito em: 21/05/2024



## A Bahia na periferia do mundo: algumas reflexões sobre o mercado editorial baiano

Emanuelle da Silva Evangelista  
Luciana Sacramento Moreno Gonçalves

### Introdução

A todo o momento aumenta a demanda por práticas de leitura e de escrita nas sociedades letradas no mundo inteiro. Praticamente, todas as transações humanas são atravessadas pela escrita, mesmo aquelas que, aparentemente, são orais ou imagéticas. Sendo a literatura uma expressão que se consolida a partir da escrita, ela insere-se nesse mundo letrado de maneira especial já que “[...] a escrita é um dos mais poderosos instrumentos de libertação das limitações físicas do ser humano” (Cosson, 2018, p. 16). Assim, ler literatura é estabelecer, através do texto, o contato com outras experiências que oportunizam enxergar a vida a partir de olhares múltiplos e contribuem para a formação do indivíduo.

Ao refletir sobre as potencialidades da literatura, é válido dialogar sobre o mercado editorial, que possibilita a publicação e divulgação desses textos, sua capacidade de difundir modelos culturais e as dificuldades econômicas enfrentadas por este segmento em um país onde não se valoriza as artes, principalmente, a literatura.

Contemporaneamente, presenciamos a intensificação de mobilizações culturais em contextos periféricos, que buscam tensionar a literatura brasileira a ampliar o cânone literário instituído e impulsiona o surgimento de novas rotas editoriais constituídas por editoras independentes que possibilitam a publicação e leva ao conhecimento do público leitor obras produzidas por indivíduos que não pertencem ao nicho editorial que consolida apenas o cânone. Elas divulgam a escrita produzida em outras localidades que não figuram no cenário nacional do circuito do livro, os centros tradicionais do saber - Rio de Janeiro/São Paulo - e por não estarem, geograficamente, situados nestes locais constituem-se como periferias dele.

Esses estados ainda hoje ditam padrões que são seguidos em todo o país, impondo àqueles que desejam ampliar o alcance de suas publicações o êxodo cultural (Lima *et al.*, 2022), uma vez que as produções que circulam em outras centralidades são consideradas de menor importância ou, até mesmo, não são consideradas como literatura brasileira. Segundo Lima *et al.* (2022, p. 20), “[...] os fatores geopolíticos e econômicos interferem na constituição desses espaços de poder”, pois os estados mencionados configuram-se como grandes centros financeiros, responsáveis pelos dois maiores Produtos Internos Brutos (PIBs) do país. Aliado ao perfil econômico dos dois estados, o Rio de Janeiro ainda concentra um grande número de instituições culturais, herança dos cento e noventa e sete anos em que a cidade foi sede do governo brasileiro. Segundo a autora,

[...] ambas detêm forte poder econômico, político e cultural: nelas estão as grandes editoras, gravadoras e companhias de produtos culturais em geral, aí se concentram os grandes eventos do país e estão também importantes



instituições universitárias, peças relevantes no processo de evidenciação/ ocultamento de bens culturais (Lima, 2017 *apud* Lima *et al.*, 2022, p. 20-21)<sup>2</sup>.

Todo esse prestígio faz desses locais construtores e legitimadores de modelos em âmbito nacional, revelando uma estreita relação entre poderio econômico e cultural, já que “[...] nos centros econômicos é que está toda a engrenagem que movimenta a máquina cultural” (Lima, 1991 *apud* Lima *et al.*, 2022, p. 21). Assim, a literatura que circula nesses centros e é disseminada para as demais localidades constitui-se cânone, pois os eixos centrais de poder divulgam um expoente e silenciam as demais produções, não estimulam a diversidade ou a enxergam como negativa.

Para além da questão econômica e cultural, há o fator territorial, uma vez que o Nordeste sempre foi um local desprestigiado, sendo considerado um local excêntrico que atrai visitantes durante o verão, visto que, historicamente, os investimentos econômicos não foram dedicados a esse espaço.

Neste artigo, busca-se analisar os espaços de poder socioeconômico e visibilidade editorial proporcionados às produções contemporâneas de contextos periféricos pelas editoras, consideradas independentes, uma vez que estas produções ainda não figuram entre os exemplares produzidos e comercializados pelas editoras mais tradicionais, e algumas dificuldades enfrentadas por essas instituições para permanecer em funcionamento. Aqui, discutiremos o mercado editorial baiano contemporâneo que reproduz o cenário nacional e observaremos investimentos outros realizados por algumas editoras como a *Reaja*, a *Organismo* e a *Ogum's toques negros*, que são um estímulo à diversidade ao publicar para outros públicos tensionando o mercado editorial tradicional.

Ressaltam-se ainda as dificuldades para encontrar uma bibliografia específica voltada a esse mercado editorial, no âmbito acadêmico, para confecção desse artigo, sendo localizados apenas dois livros<sup>3</sup>, um *podcast*<sup>4</sup>, uma *dissertação*<sup>5</sup> e um *blog* que apresentava os resultados do grupo de pesquisa *Leituras contemporâneas: narrativas do século XXI*; não foram encontradas teses, monografias ou artigos que versassem sobre o assunto. Assim, as fontes de pesquisa utilizadas foram constituídas, em grande número, por reportagens disponíveis na rede, consulta de perfis em redes sociais e sites das editoras citadas, o que revela um espaço aberto para novas investigações.

## Um olhar para a contemporaneidade e as produções de contextos periféricos

De acordo com Lopes Junior e Santos (2009), vivencia-se uma nova dinâmica espacial urbana, que possibilitou a formação de novas centralidades em resposta à dicotomia centro/periferia. Tradicionalmente, a distinção estabelecida ia além de uma barreira

---

<sup>2</sup> Lima *et al.* (2022) faz menção às cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, por isso estão no feminino (ambas, nela) concordando com a cidade.

<sup>3</sup> Livros: Retratos da literatura baiana contemporânea e Econocriativa: mapeamento e diagnóstico das editoras baianas.

<sup>4</sup> Margens da Palavra disponível no *Spotify*

<sup>5</sup> Carolina Cunha Dantas - Editar na Bahia: dinâmicas da cadeia produtiva do livro em um mercado regional, publicada em 2022.



arquitetônica, ela invadia o aspecto social e econômico, fazendo com que espaços e sujeitos que estivessem à margem do centro tivessem acesso diferenciado à infraestrutura, lazer e bens culturais, quando não eram privados deles.

Segundo os autores, essa realidade vem sendo alterada, pois “[...] as novas estratégias econômicas e locacionais de grandes grupos econômicos comerciais e de serviços interferem diretamente na estrutura urbana, alterando as relações do centro com seu entorno e, também com as suas áreas periféricas” (Lopes Junior; Santos, 2009, p. 352). Esse movimento possibilitou uma reconfiguração urbana e a formação de uma cidade polinucleada, expandindo a ideia de existência de um único centro, o que vem contribuindo para minimizar a visão estigmatizada da periferia.

O cenário cultural também foi afetado, principalmente, a partir do final da década de 1990, quando se notou a intensificação de mobilizações culturais em contextos periféricos, que buscaram tensionar a literatura brasileira a ampliar o cânone literário instituído. São muitas as denominações atribuídas a essa literatura que põe em cena uma sociedade que sobrevive à margem: marginal, periférica, popular, de contextos periféricos, outras centralidades, dentre outras existentes. Independentemente da nomenclatura utilizada, cada uma dessas denominações trouxe diferentes contribuições teóricas que possibilitaram a expressão de vozes insurgentes, enfrentando o desafio de dar a voz e ressignificar o mundo para uma população subalternizada.

Neste texto, adota-se o conceito de outras centralidades, considerando a perspectiva de Porto (2011), que faz uso do conceito no cenário literário como forma de demarcar a existência de múltiplos centros, espaços não demarcados e abertos à expressão dos indivíduos, para desconstruir o sentido da produção literária tradicional: centro/periferia, contribuindo para a formação de um mosaico cultural e desconstrução da existência de fronteiras fixas entre o centro e a periferia.

Essas manifestações que ganham força no âmbito cultural, contrapondo-se à estética literária dominante e elitizada incorpora em seu fazer literário elementos do coloquialismo e temas comuns aos contextos periféricos, reflete também uma alteração no cenário socioeconômico dessas localidades que clamam pelo direito à diversidade, e solicitam o resgate histórico, além de promover relações dialógicas e igualitárias entre os grupos e pessoas pertencentes a universos socioculturais diversos. A periferia não é só notícia de tragédias publicadas em reportagens policiais; é muito mais; e quer ter voz e ser ouvida, quer produzir e consumir cultura.

Inclui-se as manifestações culturais elaboradas em contextos periféricos ao cenário das produções contemporâneas, para tanto, torna-se necessário explicar, neste momento, acerca do uso do termo *contemporâneo*. Para Silva (2019), há uma aproximação semântica dos termos: atual, moderno e contemporâneo no uso cotidiano, o que pode levar a uma incorreta interpretação do vocábulo. Assim, no livro *Contemporaneidades Periféricas*, o autor apresenta os quatro usos mais correntes do termo *contemporâneo* e um conceito, ainda em tensionamento, na teoria e crítica brasileira a partir do início do século XXI.

Apresenta, primeiramente, o termo contemporâneo como sinônimo de atualidade - abordagem utilizada no senso comum; em seguida, o caracteriza como período histórico posterior à modernidade, mas não mais utilizado como um tempo sem duração, sempre reatualizado pelo presente; descreve ainda o contemporâneo como similar de pós-moderno ou



como categoria organizativa de um conjunto de procedimentos estéticos no campo das artes, da literatura e da crítica. Ainda segundo Silva (2019), evidencia-se uma redução no uso do primeiro conceito, os demais apresentam características que os aproximam, principalmente, por inscreverem-se no presente em relação ao passado, tendo por base a noção europeia de modernidade. No entanto, o termo contemporâneo não deve reduzir-se às formações discursivas eurocêntricas, reproduzindo suas violências sociais epistêmicas por desconsiderar as produções da periferia da modernidade (Silva, 2019).

A última definição apresentada pelo autor para contemporâneo e base para as discussões realizadas neste texto é a de “apropriação periférica do contemporâneo” (Silva, 2019, p. 37), originando o conceito “contemporaneidades periféricas”. Esse conceito põe em evidência as autorias que estão nas periferias do capitalismo e da modernidade, tensionando um novo olhar para o contemporâneo que deve ser pensado a partir de outras temporalidades, para além do conceito da linearidade ocidental (presente, passado e futuro), rasurando a representação canônica da literatura brasileira, visto que tensiona uma desconstrução dos sentidos hegemônicos, provoca rupturas, tornando-se um convite à pluralidade.

[...] talvez seja a primeira vez na narrativa histórica do ocidente que as periferias do capitalismo e da modernidade podem disputar, em tempo real, uma noção teórica que organiza o tempo e aglutina séries de acontecimentos, na construção dessa história, evitando com isso os apagamentos, silenciamentos e interdições, podendo a partir disso, dessa disputa do contemporâneo, desenhar um quadro de maior diálogo entre nossas diversas diferenças (Silva, 2019, p. 37).

A existência de manifestações culturais em outras centralidades tem contribuído para um reordenamento no espaço urbano, rompendo preconceitos e resgatando uma narrativa a partir da perspectiva dos grupos oprimidos que passam a se apropriar da linguagem e deixam de ser receptores passivos de uma produção cultural elaborada em outros locais, utilizando a linguagem como “[...] instrumento de resistência, afirmação de minorias, transformação política, revolução de costumes e resgate de significados” (Porto, 2011, p. 61).

O poder de fala autoriza essas vozes insurgentes que falam de si e do mundo através da escrita, o que, muitas vezes, causa desconforto e inaugura novas formas de pensar a literatura e o mundo. Essa nova configuração possibilita uma ressignificação de sentidos, por isso a literatura produzida em contextos periféricos vai além de ser um objeto de análise, uma vez que o “seu alcance é muito maior, à medida que interfere nos processos de produção, recepção e circulação da obra literária, deslocando posições canônicas acerca do conceito, da função e da relação da literatura com a sociedade” (Oliveira, 2011, p. 31). Essas produções também provocam uma expansão do circuito editorial e das vias de publicização dessa escrita que nem sempre encontra espaço nas editoras tradicionais, impulsionando a abertura de editoras independentes, especializadas na publicação de obras de contextos periféricos, bem como a utilização dos meios virtuais, *saraus*, *slams* e feiras literárias para a sua divulgação.

Trata-se de uma literatura sob rasura, com outra forma de representar o mundo e que pode desestabilizar o cânone instituído, tensionando a expansão do que deve ou não ser considerado literatura, construída, na contemporaneidade, a partir de suportes diferentes sob o



prisma do não pertencimento, desenquadramento e exploração de limites (Garramuño, 2014). Assim,

[...] o não-lugar das comunidades periféricas são transformadas em potências que produzem transgressões da forma, da linguagem. Tal fenômeno implica em movimento de afirmação de vários “eus” fraturados pela subalternidade. Considerando a relação entre sujeito social e criação estética. Nesse *princípio de afirmação* de si são produzidas contra narrativas de grupos marginalizados e expressões variadas de ativismo político (Fonseca, 2019, p. 251).

A dualidade, centro/periferia, que demarcou fronteiras vem se desgastando a ponto de não ser mais possível desconsiderar a existência das manifestações literárias de contextos periférico. Dessa forma, “[...] o emprego do termo periferia na cena cultural brasileira contemporânea configura muito mais do que uma demarcação territorial de espaços específicos dos centros urbanos” (Fonseca, 2019, p. 251); abarca as tensões que os sujeitos operam nos sistemas de poder e em seus discursos que disseminaram, ao longo da história, apagamentos de grupos sociais. A criação dessa tensão gera a reapropriação de lugares e “incidem em usos políticos de ressignificações sociais e simbólicas da linguagem” (Fonseca, 2019, p. 251), bem como das práticas sociais.

### **Mercado editorial baiano: considerações iniciais**

Antes de adentrar nas discussões relativas ao cenário editorial baiano, é necessário apresentar a pesquisa realizada pela professora Regina Dalcastagnè na Universidade de Brasília, que traçou o perfil dos escritores brasileiros entre os anos 1990 a 2004, realidade que, certamente, ainda não foi alterada,

[...] de todos os romances publicados pelas principais editoras brasileiras, em um período de 15 anos (de 1990 a 2004), 120 em 165 autores eram homens, ou seja, 72,7%. Mais gritante ainda é a homogeneidade racial: 93,9% dos autores são brancos[...] Quase todos estão em profissões que abarcam espaços já privilegiados de produção de discurso: os meios jornalístico e acadêmico (Dalcastagnè, 2012, p. 14).

O cenário baiano é um reflexo do cenário nacional. De acordo com o perfil delineado pelo grupo de pesquisa Contemporâneos<sup>6</sup> e publicizado no livro *Retratos da literatura baiana contemporânea*, a pesquisa ratifica que a autoria majoritária continua sendo masculina (76,9%) e branca, num estado onde 70% da população se autodeclara preta ou parda. Além disso, o estudo apresenta outros dados que ajudam a traçar o perfil do escritor baiano entre os anos de 2000 a 2014: mais de 50% dos autores possuíam mais de 50 anos, 42,3% reside no interior e 19,4% eram professores (Lima *et al.*, 2022).

---

<sup>6</sup> Grupo de pesquisa em literatura brasileira contemporânea



Ainda segundo o grupo de pesquisa em literatura brasileira contemporânea, as personagens que povoam os romances em estudo correspondem ao perfil do autor já delineado, “[...] evidenciando um padrão masculino, heterossexual e branco” (Lima *et al.*, 2022, p. 107) e uma “baixa presença representativa de pretos, pardos e indígenas na literatura publicada na Bahia, quando o gênero em destaque é o romance” (Lima *et al.*, 2022, p. 78), seja na sua autoria ou constituição de personagens, revelando que a escrita na Bahia ainda permanece restrita, preferencialmente, “[...] a uma parcela da população que desfruta de melhores condições econômicas, refletindo mimeticamente um contexto social já conhecido e marcado por privilégios que se fazem à custa de desigualdades gritantes” (Lima *et al.*, 2022, p. 91-92).

Lima *et al.* (2022) mapeou onde as editoras estão presentes no estado da Bahia e constatou que “[...] não há a presença de editoras em todos os 27 territórios baianos de identidade, tendo em vista que as mesmas estão situadas nas regiões mais centrais e com maior poder econômico e de desenvolvimento do estado” (Lima *et al.*, 2022, p. 40), repetindo outra vez o já constatado em nível nacional.

O livro *Retrato da literatura baiana contemporânea* revela uma representação identitária incipiente nas obras publicadas entre 2000-2014, reproduzindo “heranças de um passado histórico e de um presente sociocultural que continua marcado pelo apagamento das diversidades que constituem a sociedade brasileira” (Lima *et al.*, 2022, p. 66). Neste ensejo, a referida pesquisa constata que a literatura publicada na Bahia privilegia menos “uma literatura que se entende por marginal e mais para uma literatura que se aproxima de um cânone estabelecido na Bahia” (Lima *et al.*, 2022, p. 113).

Mesmo a Bahia sendo considerada periferia, quando se tem como referência o cenário editorial nacional, a literatura baiana demonstra uma certa preferência por temáticas e autores que constituem o seu cânone, explicitando que a periferia possui seus próprios centros e suas margens. Assim, o mercado editorial local assume um papel muito importante na publicação de autores e temáticas regionais, o que favorece a bibliodiversidade<sup>7</sup> da literatura nacional, sendo também fonte de emprego e renda nos diversos setores que envolve toda a cadeia produtiva do livro.

Apesar de a primeira atividade tipográfica acontecer na Bahia (Dantas, 2022), esse estado deixa de ocupar o lugar central conquistado durante os dois primeiros séculos da colonização, a partir da transferência da administração governamental de Salvador para o Rio de Janeiro em 1763, e do desenvolvimento econômico trazido pelo cultivo do café em São Paulo, que “levaram ao estabelecimento mais rápido de uma vida urbana, atrelada a oferta de infraestrutura, maior concentração de trabalhadores, estruturação de um sistema educacional e de uma cena cultural na região Sudeste” (Dantas, 2022, p. 68), o que favoreceu a constituição da Bahia enquanto periferia.

Apesar da existência de editoras e livrarias que ainda buscam consolidar e divulgar cânones, o mercado editorial tem passado por constantes mudanças, consequência do aumento do número de editoras independentes no estado a partir dos anos 2000 (Lima *et al.*, 2022), o que vem contribuindo para a emergência de um cenário mais democrático. Ao privilegiar a

---

<sup>7</sup> O termo [Biodiversidade](#) surge no final da década de 1990 cunhado pelo coletivo de *Editores Independentes do Chile*. O conceito defende a expansão da circulação de livros e publicações que apresentam para a sociedade múltiplas vozes e visões de mundo.



escrita de contextos periféricos, essas editoras são capazes de reposicionar os sujeitos que foram silenciados historicamente, mas que agora podem criar e disseminar bens culturais e conhecimentos. Essa alteração de perspectiva só foi possível devido

[...] a presença resistente de autores e editoras que, num contexto de muitas impossibilidades e fragilidades inerentes ao campo literário baiano, vem cumprindo a tarefa de escrever e publicar literatura, de dar ao público enredos e personagens que, talvez, de outro modo não teriam encontrado espaço na cena literária (Lima *et al.*, 2022, p. 113).

Entretanto, muitas editoras denominadas independentes enfrentam dificuldades para manterem o seu funcionamento, ou seja, publicar, fazer circular e ter suas produções lidas, tanto em cenário local como em todo o país.

Dentre os desafios apontados pelas editoras, estão: a sustentação do mercado interno, o escoamento das obras e a falta de um parque gráfico, como afirma Valéria Pergentino, editora da *Solisluna* em entrevista ao jornal *A tarde* (Mercado [...], 2011). Na mesma entrevista Primo Maldonado, presidente da distribuidora e livraria independente *LDM Multicampi*, aponta a concorrência desleal entre editoras e autores locais e os de grande repercussão e circulação nacional.

Além disso, a política pública de incentivo ao mercado editorial na Bahia é insatisfatória, pois nem sempre as editoras têm acesso aos editais e prêmios literários que financiam as produções culturais ou recebem incentivos fiscais ou linhas de crédito para impulsionar essas produções. Ademais, falta capacitação dos profissionais que atuam no setor de livros na Bahia, bem como os escritores, agentes e gestores culturais que não podem ser considerados autodidatas (Seidel; Galvão; Oliveira, 2016).

Em outra entrevista ao jornal *A tarde*, a diretora da editora *Corrupio* reafirma que há pouco incentivo à produção editorial no estado, realidade que é agravada pelo fato das bibliotecas não comprarem livros de editoras baianas (Solução [...], 2007). Ainda existe outro entrave a enfrentar: a falta de interesse do público pela leitura gerado pela falta de incentivo à formação do leitor no estado. Dantas (2022, p. 69) aponta ainda outros obstáculos como a “[...] incipiência de políticas setoriais, a inexistência de entidades representativas, o pouco conhecimento sobre e entre os agentes das cadeias produtivas e a defasagem tecnológica”.

Vanderlei de Moraes Filho<sup>8</sup>, ao participar do *podcast* *Margens da Palavra*, no episódio denominado *Políticas do livro e da leitura*<sup>9</sup> lança uma crítica às festas e feiras literárias realizadas no estado que prestigiam as grandes editoras em detrimento às editoras independentes locais.

Todos os entraves citados podem ocasionar o fechamento de editoras, como a *Corrupio* que encerrou suas atividades em 2020 após 41 anos dedicados a valorização da cultura afro-baiana. Tal realidade também atingiu livrarias consolidadas no estado, segundo o

<sup>8</sup> É pesquisador do Grupo de Pesquisa Língua, Literatura e Diversidade Cultural (UNEB). Têm atuado em assessoria para produção, gestão e política cultural para promoção do hábito da leitura e democratização do acesso ao livro no Brasil e na Colômbia, em distintos projetos, no terceiro setor e na gestão pública. Foi Diretor do Livro e da Leitura da Bahia (FPC/SECULT-Ba) e Secretário de Cultura e Turismo da Cidade Heroica de Cachoeira, Bahia, Brasil É Diretor executivo Portuário Atelier Editorial.

<sup>9</sup> [Políticas do livro e da leitura](#)



site *Metro 1*, a capital baiana perdeu duas grandes livrarias na cidade: a *Saraiva* que encerrou suas atividades em 21 de setembro de 2020, a *Cultura* em 30 de junho de 2021 e a *LDM* que fechou a loja física na cidade de Vitória da Conquista em 24 de agosto de 2021 (Oliveira, 2021). Se grandes instituições editoriais enfrentam dificuldades no estado, cogitem os obstáculos que as editoras independentes enfrentam para se manterem em funcionamento. A crise relatada pode ter sido agravada pela pandemia da COVID 19, mas também pode ser reflexo de todas as dificuldades que o setor livreiro enfrenta no estado.

Yuri Lima, editor das Edições UESB, em *live* realizada para a mesa *A resistência do mercado editorial baiano* promovida pelo grupo de pesquisa *Contemporâneos* enumera os fatores que podem levar as editoras a encerrarem suas atividades, dentre eles estão a falta de interesse do público pela leitura; os custos de produção e logística envolvidos no processo de produção dos livros como o valor da matéria prima, do frete e a tributação recolhida e o advento tecnológico, uma vez que as novas mídias podem desviar a atenção do público leitor, pois, muitas vezes, são mais atraentes que os livros (Mesa [...], 2021).

Para tentar lidar com as dificuldades citadas, o setor livreiro busca novas vias para o escoamento dos textos como as feiras literárias nacionais e internacionais, que têm se multiplicado em solo baiano, e ajudam a dar visibilidade aos autores, bem como contribuem para o aumento de venda dos livros; os saraus, perfis em redes sociais e *slams*, que gradativamente se popularizam, fortalecem o contato das produções elaboradas em outras centralidades; as pesquisas acadêmicas contribuem para a visibilização dessa literatura; as universidades também podem incentivar a publicação e contribuir para a sua divulgação; as editoras também precisam aproveitar o potencial trazido pelas novas mídias como *blogues*, *lives*, *e-books* e o investimento no *e-commerce* popularizará o acesso a essa escrita. Segundo a pesquisadora do mercado editorial Krystal Baqueiro, a tendência é que “as livrarias deixem de ser físicas, em um processo natural do mercado” (Oliveira, 2021).

Apesar do mercado editorial baiano repetir os dados encontrados na pesquisa da professora Regina Dalcastagnè (2012) e de vivenciar as diversas dificuldades já enumeradas ao longo desse artigo como a publicação de um grupo seletivo de autores, existem editoras que encontraram um nicho editorial alternativo atrelado à militância, opondo-se ao sistema hegemônico. Instituições como a editora Reaja, a Ogum's e a Organismo colocam em evidência a potência da diversidade, bem como a existência de outras formas de produzir e difundir a partir e para públicos mais plurais e democráticos.

A editora *Reaja* intitula-se como uma organização política, pan-africanista, quilombista e comunitária. Segundo informações retiradas da página do *facebook* da editora, ela surge em 2005 e dialoga com “organizações que lutam contra a brutalidade policial, pela causa antiprisional e pela reparação aos familiares de vítimas do estado e dos esquadrões da morte, milícias e grupos de extermínio”<sup>10</sup>. Através de uma articulação comunitária e com os movimentos sociais, a editora evidencia “a brutalidade policial, a seletividade do sistema de justiça criminal que nos tinha - e ainda tem - como os bandidos padrão, sendo a cor de nossa pele, nossa condição econômica e de moradia, nossa herança ancestral e pertencimento racial a marca, a etiqueta de inimigos a serem combatidos”.

---

<sup>10</sup> [Facebook Reaja ou será Morta \[...\]](#)



Dentre os livros publicados pela editora estão: Olhar por entre grades: vida em poemas de Andreia Beatriz, Lumumba: a África será livre Patrice Lumumba, Assata Shakur: escritos de Assata Shakur, Teoria geral do fracasso, O livro preto de Ariel, Salvador cidade túmulo, Libido, dendê e melanina, de Hamilton Borges. Por fim, a editora faz uma provocação ao povo negro: Reaja ou Será Morta, Reaja ou Será Morto!

A *Ogum's toques negros* inicia suas atividades em dezembro de 2014. A editora afirma em seu site que “nasceu para seguir e dar caminhos para uma vertente literária que a todo tempo é demandada uma explicação para a sua existência” (Editora Ogum's, [2021]). Fundada por Mel Adún e Marcus Guellwaar Adún Gonçalves, tem como missão publicar, prioritariamente, escritoras negras e escritores negros do Brasil e diáspora africana, evidenciando tradições religiosas, linguísticas, literárias e culturais dos povos afrodescendentes.

Dentre os gêneros publicados pela editora estão livros de contos e poesia negra, memórias, crítica e teoria literária, além de obras dedicadas à literatura infanto-juvenil. Segundo informações contidas no site *Literafro*, a editora possui um coletivo de mesmo nome que discute a causa negra dentro do campo cultural. Para a *Literafro*, “a integração entre o coletivo e a editora tem se mostrado fundamental para a sobrevivência de ambas, pois enquanto o coletivo estimula a produção intelectual, a editora atua como espaço de edição e elemento mediador que faz circular tais autores” (Ogum's [...], 2023).

Já a editora *Organismo* é criada em 2013 com dois propósitos inaugurais: “construir um espaço de diálogo entre as diferentes linhas ético-estéticas na literatura da Bahia e do Brasil, por meio da Revista Organismo”; e publicar uma coleção que visa pôr em evidência poetas inéditos que possuam uma proposta de produção textual contemporânea.

Em 2018, a editora inaugura o selo Segundo Selo que se dedica tanto à publicação de literatura como de teoria e crítica literária, resultado de trabalhos consistentes de pesquisadores em início de carreira acadêmica. O trabalho desenvolvido pela editora objetiva “fomentar o trânsito e o debate entre as diferentes textualidades, pôr a produção local em diálogo com o nacional e o diaspórico, e produzir uma literatura e uma crítica antenadas com as questões éticas, étnicas e estéticas das nossas múltiplas contemporaneidades” (Segundo Selo, [2021]).

O mercado editorial baiano passou e passa por constantes alterações e mesmo com incentivos escassos, segue combatendo o sistema hegemônico que consolida os impérios editoriais e desconsidera toda a pluralidade cultural existente e publicizada pelas editoras independentes. Muitas dessas instituições enfrentam crises financeiras para permanecer em funcionamento, superando o cenário adverso, muitas vezes, sem o apoio estatal e sem o reconhecimento de sua contribuição para o fortalecimento cultural da sociedade baiana.

É fato que as editoras independentes já conseguem publicar autores e temas que não eram publicados por fazerem parte de contextos periféricos, destoando do perfil do mercado editorial tradicional, que valoriza as grandes empresas editoriais que disseminam o cânone dos centros econômicos de poder; mas ainda precisa vencer o desafio da distribuição, isto é, fazer circular exemplares que privilegiam nichos editoriais alternativos, por todo país ou até fora dele.

São esses atos de resistência que tencionam a abertura do mercado editorial para a construção de um espaço mais democrático, do contrário perde em diversidade toda a cadeia



produtiva do livro - autores, livreiros e leitores. Outro fator a se considerar ainda é a falta do hábito da leitura entre os baianos, situação que só será resolvida com investimento público na formação do leitor atrelado ao incentivo às editoras e profissionalização do setor livreiro no estado.

### Algumas considerações

O mercado editorial baiano replica a dinâmica do eixo Sul/Sudeste, uma vez que muitas editoras também estão representadas aqui na Bahia, reafirmando cânones e revelando fragilidades deste segmento no estado, principalmente, quando a proposta da instituição é dar voz a uma escrita produzida em outras centralidades. Os desafios enfrentados, para uma editora permanecer atuante no mercado editorial baiano, vão desde a falta de profissionalização do processo de produção e comercialização dos livros, falta de incentivos governamentais aos altos tributos recolhidos, fatores socioeconômicos que, muitas vezes, inviabilizam o funcionamento das editoras independentes.

Se o exposto evidencia, por um lado, o império das grandes organizações, por outro lado, é também tendência, no mercado editorial baiano, a potencialidade do segmento editorial independente, no cenário mais contemporâneo, inaugurando um outro caminho para publicação e circulação de obras, que é importante, criativo, interessante cultural e economicamente.

A discussão aqui exposta não esgota, nem de longe, a necessidade de ampliar os estudos sobre o mercado editorial baiano como forma de visibilizar esses esforços bem como divulgar o trabalho realizado, principalmente, pelas editoras independentes, que algumas vezes não dão retorno financeiro, mas contribuem para uma diversificação das produções culturais no estado.

### Referências

COSSON, R. **Letramento literário**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

DALCASTAGNÈ, R. **Literatura brasileira contemporânea**: um território contestado. Vinhedo: Editora Belo Horizonte, 2012.

DANTAS, C. C. **Editar na Bahia**: dinâmicas da cadeia produtiva do livro em um mercado regional. 2022. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Instituto de Humanidades, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/35395>. Acesso em: 18 out. 2021.

EDITORA OGUM'S. **Somos Ogum's**. [Salvador]: Editora Ogum's, [2021]. Disponível em: <https://editoraogums.com/somos-ogums/>. Acesso em: 11 out. 2021.

FONSECA, S. C. da. Incrições periféricas na poética contemporânea. In: AUGUSTO, J. (org.). **Contemporaneidades periféricas**. Salvador: Segundo Selo, 2019. p. 251-270.



GARRAMUÑO, F. Formas da impertinência. In: KIFFER, A.; GARRAMUÑO, F. (org.). **Expansões contemporâneas: leitura e outras formas**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014. p. 91-108.

LIMA, L. de O. A.; COUTINHO, I.; GONÇALVES, L.; SILVA, A. **Retratos da literatura baiana contemporânea (2000-2014)**. Salvador: EDUFBA, 2022.

LOPES JUNIOR, W. M.; SANTOS, R. C. B. dos. Novas centralidades na perspectiva da relação centro-periferia. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 21, n. 3, p. 351-359, dez. 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1982-45132009000300010>.

MERCADO editorial baiano cresce, mas há entraves a contornar. **A Tarde**, Salvador, 28 ago. 2011. Disponível em: <https://atarde.com.br/cultura/mercado-editorial-baiano-cresce-mas-ha-entraves-a-contornar-109313>. Acesso em: 11 out. 2021.

MESA 2 a resistência do mercado editorial baiano. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (1h 11 min.). Publicado pelo canal Contemporâneos – Grupo de Pesquisa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-3eE77UNxvc>. Acesso em: 11 out. 2021.

OGUM's toques negros. **Literafro**, Belo Horizonte, 7 jun. 2023. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/editoras/1377-ogum-s-toques-negros>. Acesso em: 7 ago. 2023.

OLIVEIRA, G. "É o processo de evolução do mercado editorial", diz pesquisadora sobre fechamento de livrarias". **Metro 1**, Salvador, 6 jul. 2021. Disponível em: [https://www.metro1.com.br/noticias/cultura/108897\\_e-o-processo-de-evolucao-do-mercado-editorial-diz-pesquisadora-sobre-fechamento-de-livrarias](https://www.metro1.com.br/noticias/cultura/108897_e-o-processo-de-evolucao-do-mercado-editorial-diz-pesquisadora-sobre-fechamento-de-livrarias). Acesso em: 11 out. 2021.

OLIVEIRA, R. P. de. **Literatura marginal: questionamentos à teoria literária**. **Ipotesi**, Juiz de Fora, v. 15, n. 2, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/205165649/Oliveira-Rejane-Literatura-Marginal-Questionamentos-a-Teoria-Literaria-pdf>. Acesso em: 11 out. 2021.

PORTO, G. P. **Poéticas periféricas: outras centralidades?**. **Ide**, São Paulo, v. 34, n. 53, p. 57-68, jan. 2011. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31062011000200007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062011000200007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 11 out. 2021.

SEGUNDO SELO. **História**. Salvador: Segundo Selo, [2021]. Disponível em: <http://editorasegundoselo.com.br/historia/>. Acesso em: 11 out. 2021.

SEIDEL, R. H.; GALVÃO, R. M.; OLIVEIRA, C. da M. **Econocriativa: mapeamento e diagnóstico das editoras baianas**. Feira de Santana: Editora da UEFS, 2016.



SILVA, J. A. Contemporaneidades periféricas: primeiras anotações para alguns estudos de caso. *In*: AUGUSTO, J. (org.). **Contemporaneidades periféricas**. Salvador: Segundo Selo, 2019. p. 31-68.

SOLUÇÃO para mercado editorial baiano pode sair das universidades. **A Tarde**, Salvador, 28 out. 2007. Disponível em:

<https://atarde.com.br/bahia/bahiasalvador/solucao-para-mercado-editorial-baiano-pode-sair-das-universidades-299452>. Acesso em: 11 out. 2021.

